



Re-lendo a parábola do bom samaritano em pleno século XXI: por uma humanização do humano em nós a partir da *espiritualidade laica* de Luc Ferry e da dinâmica tríplice da dádiva de Marcel Mauss

Alessandra Serra Viegas¹

Doutoranda PUC-Rio

<http://lattes.cnpq.br/7074740062362701>

Resumo: A parábola do bom samaritano no evangelho de Lucas (e sua releitura por Rubem Alves) é um bom exemplo para mostrar a aceitação que devemos ter em relação aos outros, através do questionamento de Jesus ao doutor da lei: “qual destes foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?” O presente artigo busca apontar algumas vias para uma resposta através do conceito de *espiritualidade laica* de Luc Ferry, apresentado em seu livro *A Revolução do Amor: por uma espiritualidade laica* (2012) e do desenvolvimento da *tríplice dádiva* de Marcel Mauss, em *Ensaio sobre a dádiva* (2011). A reflexão em torno destes dois conceitos pode nos guiar até o amor (des)interessado de Jesus como modelo para uma boa vida em pleno século XXI.

Palavras-chave: Bom samaritano. Espiritualidade laica. Luc Ferry. Tríplice dádiva. Marcel Mauss.

Abstract: The Good Samaritan parable in the Gospel of Luke (and its re-reading by Rubem Alves) is a good example to show the acceptance which we must have with other people, by the Jesus' question to the law's doctor: “therefore, which of these

¹ Doutoranda em História Comparada pelo PPGHC-UFRJ, na área de Poder e Discurso, orientada pela Profa. Dra. Maria Regina Candido, tendo como tema de pesquisa *O banquete político em Mátron de Pitane*. Doutoranda em Teologia pela PUC-Rio, na área de Bíblia, orientada pelo Prof. Dr. Leonardo Agostini Fernandes, tendo como tema de pesquisa *Uma hermenêutica da complementaridade no livro de Rute*.

proved to be a neighbor to the man who fell into the robber's hands?" This paper points some ways to perform an answer by the laic spirituality's concept of Luc Ferry, showed in his work *La révolution de l'amour, Pour une spiritualité laïque* (2010) and the development of triple obligation by Marcel Mauss, in *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques* (1923-1924). The thought about these two concepts can guide us toward the (un)interested love of Jesus as a model for a good life in XXI century.

Keywords: Good Samaritan. Laic spirituality. Luc Ferry. Triple obligation. Marcel Mauss.

A título de introdução: 'Deus não é cristão' (Desmond Tutu)

"Vá com Deus!" – será que conseguimos nos lembrar de quantas vezes já dissemos esta frase tão auspiciosa aos nossos filhos, amigos, vizinhos ou a alguém que acabamos de conhecer no trem ou no ônibus quando deles nos despedimos? 'Deus' é tão natural em nossos pequenos agradecimentos – "graças a Deus!" –, desesperos – "ai, meu Deus!" e desejos ainda não cumpridos para daqui a pouco – "se Deus quisesse!...". Ele é substantivo próprio na morfologia e sujeito na sintaxe destas exclamações que fazem parte de nosso viver cotidiano, mas que na maioria das vezes não passam de um modo de falar de nosso eu situado² na sociedade em que vivemos, um costume herdado de família, como pedir a bênção aos mais velhos – este sim, coisa rara nos dias de hoje, diga-se de passagem.

No entanto, e ironicamente, Deus como sujeito além da função sintática está bastante longe do mundo que se diz cristão na contemporaneidade. A proposta cristã de um Deus que se humanizou para que nós mesmos nos tornássemos humanos esvaiu-se e deu lugar a uma contraproposta que deificou o homem e o tornou incapaz de se incomodar com a dor do outro. É neste vácuo de sensibilidade que nos 'emocionamos' com os prêmios *Nobel* da Paz – pessoas que passam suas vidas amando as outras e que se destacam na multidão de nós que não amamos... descompasso e vergonha deveríamos sentir: afinal de contas, ser amante e pacificador é regra para ser gente, para viver em comunidade, é para todos, e não para alguns como se fossem modelos a se admirar e não a alcançar.

Entre estes modelos, um se destaca para dar o 'pontapé inicial' na discussão a que nos propomos neste texto que o leitor tem em mãos: Desmond Tutu, arcebispo da igreja Anglicana e prêmio *Nobel* da Paz em 1984, por ter passado grande parte de sua vida lutando a favor da igualdade na África do Sul. Notoriamente cristão, Tutu, no livro *Deus não é cristão e outras provocações*³, teve seus sermões compilados e seu exemplo de vida narrado pelo jornalista John Allen, também sul-africano, com a máxima de que Deus não é e nem pode ser monopólio da fé cristã, mas que está presente no gesto de qualquer um que se deixa humanizar por ele, independente da religião que siga – ou que não siga. Haverá algo mais próximo do exemplo de Cristo do

² Michael J. Sandel (*Liberalism and the Limits of Justice*, 1982) aponta a questão do valor dos *selves* situados em uma comunidade e como este situar-se reflete nos próprios valores do indivíduo (*self*).

³ TUTU, Desmond. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. L. Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, 234 p.

que ser humano em plenitude e por isso mesmo provocador...? A narrativa lucana do bom samaritano pode ser um bom começo para descobrirmos.

O bom samaritano – passado e presente, leitura e *re-leitura*

²⁵ E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? ²⁶ E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês? ²⁷ E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. ²⁸ E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso, e viverás. ²⁹ Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? ³⁰ E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. ³¹ E, ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. ³² E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e, vendo-o, passou de largo. ³³ Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão; ³⁴ E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalcadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele; ³⁵ E, partindo no outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar. ³⁶ Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? ³⁷ E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai, e faze da mesma maneira.

O texto de Lucas 10,25-37 apresenta-nos um questionamento que se encontra no cerne dos estudos de antropologia e sociologia que têm como objeto de estudo a antiguidade à contemporaneidade – a quem devo considerar meu próximo? Liberalismos individualistas e comunitarismos holistas⁴ à parte, todos nós temos (e queremos ou não) um próximo – alguém que permitimos se aproxime de nós. O interessante é perceber que, a partir do verso 29 do texto de Lucas 10, o próprio Jesus, para falar de proximidade, utiliza um mecanismo literário que possui a mesma intencionalidade – aproximar – e que o autor lucano conhece bem na cultura grega: a parábola.

Etimologicamente, parábola (*parabolé*) significa *aproximação*. Mas a que aproximação se referiria especificamente? À aproximação do que se ouve ou se lê e que, por si só, exige do ouvinte-leitor um exercício hermenêutico – esta é a deixa do

⁴ Para saber mais, Charles Taylor, filósofo político, em seu livro *Argumentos filosóficos* (2000), discute de modo denso a tensão entre a visão dos individualistas liberais e dos comunitaristas holistas para a aceitação – ou não – dos apelos do ser humano hoje em nossa sociedade.

verso 26, posta na boca de Jesus pelo autor do terceiro evangelho para mexer com os brios do seu interlocutor:

²⁵ E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? ²⁶ E ele lhe disse: *Que está escrito na lei? Como lês?*

“Como lês?” é a chave de leitura para o ensino do amor humanizador pregado e vivido por Jesus e não entendível por aqueles que já se deificaram a si mesmos como o doutor da lei apresentado no texto: ele estava tão próximo da lei e, paradoxalmente, tão afastado daquilo que esta mesma promulgava – abrir os olhos, os ouvidos e o coração para quem da lei mais necessitava – aqueles com quem ninguém queria se responsabilizar: órfãos, viúvas, pobres, estrangeiros, doentes, diferentes. Por estar petrificado por suas pré-compreensões de uma hermenêutica própria da lei e não conseguir enxergar o sentido real desta e sua proposta, nosso doutor da lei precisa de uma parábola – algo que lhe forneça uma espécie de *metáfora viva ricoeuriana* que lhe faça entender de uma vez por todas o que é ser humano e como desfrutar de nosso maior privilégio – amar o próximo.

Lucas constrói a parábola. Na realidade, não sabemos historicamente se Jesus realmente a proferiu, porque os exegetas necessitam de *atestação múltipla* para afirmar tal fato: seria preciso que a parábola estivesse contida em pelo menos mais um evangelho – Mateus, Marcos ou João – o que não ocorre. A questão é que este é o Jesus Cristo de Lucas: o mestre que gosta de cabeças pensantes e que cheguem às suas próprias conclusões, a partir de sua leitura de mundo, mediada por nossa leitura de nós mesmos, de nossos valores e desejos. O interlocutor de Jesus sabia o que estava escrito na lei, e de cor: “E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo”. E Jesus o interpela imediatamente: “E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso, e viverás”.

Aproximar-se de algo que não queremos pode ser perigoso porque comporta a possibilidade de nos tirar de nossa zona de conforto. Assim se deu com nosso querido personagem da parábola, alterego identificador do leitor dos primeiros séculos da era cristã ou do século XXI. Em resposta a Jesus, como em um repente nordestino, mais do que depressa o doutor da lei se justifica e tenta vencer o mote com a pergunta que não quer calar dentro de sua alma cortada pela palavra da lei que lhe obriga a ser

gente, a amar: “E quem é o meu próximo?”. O Jesus tão grego de Lucas percebe que o homem precisa de uma metáfora, de uma estória moralizante *a la Esopo*, porque não consegue lidar com a realidade que o cerca, tampouco enxergar o óbvio: nosso amigo tem questões existenciais que lhe impedem de amar livremente, tanto o próximo – que tem problema para identificar quem é – quanto a si mesmo, talvez.

Como expor um fato a alguém que não consegue lidar com obviedades, seja porque estas lhe ferem de algum modo, seja porque seu olhar está velado e a ele é necessária a *re-velação* (o desvelar, o *apo-kalipto* – o trazer à tona o escondido)? Dá-se a parábola. Jesus tenta, por compaixão àquele homem que entendia de tantos textos da *Torah*, explicar-lhe como bom contador de estórias que era, para que servem de fato todos os ensinamentos aprendidos (apreendidos?) até então nas sinagogas da vida. É preciso aprender com o diferente, com o nunca antes imaginado, com o *alter*, para que eu possa saber quem eu sou, o *id*. Nisto antropólogos⁵ e teólogos⁶ não discutem: minha identidade só é descoberta e aceita plenamente quando consigo perfazer o mesmo com aquele que é alteridade para mim. Neste mister, a parábola do samaritano se encaixa perfeitamente!

A narrativa já se inicia com um nó problemático desencadeador logo após sua introdução: “Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e *caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto*”. Wolfgang Iser⁷ já nos diria que temos aqui um mecanismo de controle do narrador que causa o efeito de impacto no leitor e o guiará até o desfecho – a violência rápida e ríspida com que se inicia o embate no texto – o homem, provavelmente alguém que fora a Jerusalém adorar no templo e/ou fazer ali suas vendas de artigos religiosos, por isso tinha o que ser roubado, foi brutalmente atacado, tanto que ficou ‘meio morto’. A narrativa prossegue.

A tensão narrativa vai-se intensificando com a entrada de dois personagens bem conhecidos do ouvinte da parábola e com os quais ele se identificaria e deles já teria de antemão opinião formada – certamente o sacerdote ou o levita, movidos pelo

⁵ Um exemplo importante é Marc Augé, o qual discorre em várias de suas obras sobre identidade e alteridade. Uma delas é *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

⁶ Karl Rahner elabora detidamente a exposição de Deus como o totalmente Outro em seu *Curso Fundamental da Fé: introdução ao conceito de cristianismo*. Trad.: Alberto Costa. São Paulo. Paulus, 1989.

⁷ ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol.1., 1996. Afirmando que sempre se interpreta o texto, Iser, ao introduzir o *operador do lugar vazio*, faz com que caiba ao leitor suplementá-lo para que o enredo flua. Assim como em um diálogo a interpretação cobre os vazios contidos no espaço entre a afirmação de um e a réplica do outro, na relação texto-leitor, embora o leitor não conheça a reação de seu ‘parceiro’, os textos, enunciados com vazios, exigem do leitor o seu preenchimento.

amor que a lei lhes ensinara e eles mesmos pregavam, ajudariam aquele homem caído! A despeito do esperado e antiteticamente a ele, isto não aconteceu. E aquilo que seria certo, começa a tornar-se duvidoso: "...descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e, vendo-o, passou de largo". O *operador do lugar vazio* de Iser, no qual o leitor se aconchega e com o qual se aproxima do texto lido, começa a tomar corpo exatamente neste ponto. Não se sabe por qual motivo estes homens passam de largo. Isso não deveria ser assim. Desperta-se a atenção do leitor.

O ápice da tensão se dá para o doutor da lei e para o ouvinte-leitor da comunidade judaica do primeiro século: "...um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão...". Como um impuro poderia ser compassivo? No mínimo a estratégia lucana de um Jesus impactante causou ojeriza neste momento da narrativa. O último indivíduo a fazer o bem a alguém seria um samaritano, se a estória se conta a um público judeu, o que é o caso, com toda a certeza. De quem ninguém esperava, acrescentam-se ainda em detalhes cada atitude compassiva, em uma forma de gradação ascendente, numa escolha bastante cuidadosa e criteriosa das ações verbais:

E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalcadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele; E, partindo no outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar.

O samaritano se aproximou. Daí, partiram todas as outras atitudes que tivera com o homem violentado e ultrajado. A parábola foi feita metaparábola na engenhosidade do texto lucano, obra de um profundo conhecedor da retórica grega e de onde esta pode levar o ouvinte-leitor. E o levou, guiado pela reação do doutor da lei, atônito e talvez arrependido da pergunta inicial que fizera a Jesus para tentar ganhar o repente. A boca grega lucana de Jesus questiona incisiva: "Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?" E o que não poderia nem proferir a palavra 'samaritano' que se lhe tornaria a boca impura, foi obrigado a reconhecer naquele que odiava o exemplo de amor: "O que usou de misericórdia para com ele". *Percursos do reconhecimento* difícilimo e doloroso deve ter sido este. E atento para este reconhecimento aristotélico da tragédia depois de tantas

peripécias e para esta dor que cura como mertiolate de antigamente, Jesus ganha a disputa e diz: “Vai, e faz da mesma maneira”.

É importante notar que este último verso do texto é uma espécie de refrão na narrativa – o verbo ‘fazer’ no imperativo afirmativo encontra-se em Lucas 10,28: “*Faze isto e viverás*” e 10,37: “...*faze da mesma maneira*” e estilisticamente compõe uma moldura da parábola, pois fecha e abre a contação da estória do bom samaritano. Trocando em miúdos: amar não é teoria contida na lei farisaica, para ser estudada e decorada; amar é ter atitude pró-ativa, fazer, é colocar a mão na massa e ter parte com ela – este é o sentido do verbo grego utilizado no texto (*poieo* – o mesmo do campo semântico de *poietes* e *poiesis*). Não é a parábola lucana atualíssima para tratarmos de modo coerente como temos agido e se temos realmente *amado as pessoas como se não houvesse amanhã?*

Rubem Alves, escritor, pensador, teólogo, psicanalista e professor, tão conhecido da maioria de nós por uma ‘hermenêutica *pé no chão*’ dos textos bíblicos, *releu* a parábola de Lucas em 2010, situou-a bem próxima das comunidades eclesiais que gostam de bíblia e a entendem na vida, como dizem Carlos Mesters e Francisco Orofino, e intitulou-a *O Bom Samaritano ou O Bom Travesti*:

E perguntaram a Jesus: “Quem é o meu próximo?” E ele lhes contou a seguinte parábola: Voltava para sua casa, de madrugada, caminhando por uma rua escura, um garçom que trabalhara até tarde num restaurante. Ia cansado e triste. A vida de garçom é muito dura, trabalha-se muito e ganha-se pouco. Naquela mesma rua dois assaltantes estavam de tocaia, à espera de uma vítima. Vendo o homem assim tão indefeso saltaram sobre ele com armas na mão e disseram: “Vá passando a carteira”. O garçom não resistiu. Deu-lhes a carteira. Mas o dinheiro era pouco e por isso, por ter tão pouco dinheiro na carteira, os assaltantes o espancaram brutalmente, deixando-o desacordado no chão. Às primeiras horas da manhã passava por aquela mesma rua um padre no seu carro, a caminho da igreja onde celebraria a missa. Vendo aquele homem caído, ele se compadeceu, parou o carro, foi até ele e o consolou com palavras religiosas: “Meu irmão, é assim mesmo. Esse mundo é um vale de lágrimas. Mas console-se: Jesus Cristo sofreu mais que você”. Ditas estas palavras ele o benzeu com o sinal da cruz e fez-lhe um gesto sacerdotal de absolvição de pecados: “Ego te absolvo...” Levantou-se então, voltou para o carro e guiou para a missa, feliz por ter consolado aquele homem com as palavras da religião. Passados alguns minutos, passava por aquela mesma rua um pastor evangélico, a caminho da sua igreja, onde iria dirigir uma reunião de oração matutina. Vendo o homem caído, que nesse momento se mexia e gemia, parou o seu carro, desceu, foi até ele e lhe perguntou, baixinho: “Você já tem Cristo no seu coração? Isso que lhe aconteceu foi enviado por Deus! Tudo o que acontece é pela vontade de Deus! Você não vai à igreja. Pois, por meio dessa provação, Deus o

está chamando ao arrependimento. Sem Cristo no coração sua alma irá para o inferno. Arrependa-se dos seus pecados. Aceite Cristo como seu salvador e seus problemas serão resolvidos!” O homem gemeu mais uma vez e o pastor interpretou o seu gemido como a aceitação do Cristo no coração. Disse, então, “aleluia!” e voltou para o carro feliz por Deus lhe ter permitido salvar mais uma alma. Uma hora depois passava por aquela rua um líder espírita que, vendo o homem caído, aproximou-se dele e lhe disse: “Isso que lhe aconteceu não aconteceu por acidente. Nada acontece por acidente. A vida humana é regida pela lei do *karma*: as dívidas que se contraem numa encarnação têm de ser pagas na outra. Você está pagando por algo que você fez numa encarnação passada. Pode ser, mesmo, que você tenha feito a alguém aquilo que os ladrões lhe fizeram. Mas agora sua dívida está paga. Seja, portanto, agradecido aos ladrões: eles lhe fizeram um bem. Seu espírito está agora livre dessa dívida e você poderá continuar a evoluir”. Colocou suas mãos na cabeça do ferido, deu-lhe um passe, levantou-se, voltou para o carro, maravilhado da justiça da lei do *karma*. O sol já ia alto quando por ali passou um travesti, cabelo louro, brincos nas orelhas, pulseiras nos braços, boca pintada de batom. Vendo o homem caído, parou sua motocicleta, foi até ele e sem dizer uma única palavra tomou-o nos seus braços, colocou-o na motocicleta e o levou para o pronto socorro de um hospital, entregando-o aos cuidados médicos. E enquanto os médicos e enfermeiras estavam distraídos, tirou do seu próprio bolso todo o dinheiro que tinha e o colocou no bolso do homem ferido. Terminada a estória, Jesus se voltou para seus ouvintes. Eles o olhavam com ódio. Jesus os olhou com amor e lhes perguntou: “Quem foi o próximo do homem ferido?”.

A releitura de Rubem Alves provocou burburinhos de ambos os lados – prós e contras. Entretanto, deixou muita gente emudecida. Os gemidos do garçom caído e palavra alguma na boca do travesti gritaram e calaram fundo em muita gente. Na releitura contemporânea, Rubem Alves aponta que os ouvintes – os doutores da lei, sacerdotes e levitas de hoje – olhavam para Jesus e para sua metáfora do amor em uso com ódio. A contragosto destes, o olhar de Jesus lhes era de amor. A *obra* se tornou *aberta* no coração do *lector in fabula*, diria Umberto Eco. A mensagem continuou fiel e não sofreu superinterpretações. O que importa é notar que o texto *recebido*⁸, *refigurado*⁹ e relido foi ao *epicentro do furacão*, ao *calcanhar de Aquiles* da religião (*religare*?) que se desligou de um Deus de amor, Deus que estava no princípio com o homem, tentando ensinar-lhe a se aceitar e a se amar à medida que aceitasse o outro – o seu próximo – e o totalmente Outro – a divindade que daquele (do homem) se aproximara.

⁸ Tratamos o vocábulo ‘recebido’ dentro da proposta da *Estética* ou *Teoria da Recepção*, isto é, o texto de Rubem Alves é construído a partir da recepção do texto parábólico de Lucas.

⁹ Grosso modo, Ricoeur utiliza para o mesmo fenômeno o vocábulo ‘refigurado’ – o texto possui os mesmos elementos básicos, mas se inserem novos elementos ou valores que dão uma nova figura ao texto. Para saber mais, veja-se a tríplice mimese, contida em *Tempo e narrativa 1*.

Veja-se que os candidatos a “próximo” do garçom caído não passam de largo como na parábola original. Rubem Alves os *aproxima* e intensifica a *ação trágica* contida na narrativa¹⁰. Não obstante, cada um que se aproximou, tinha por oposição o coração afastado demais que nem a proximidade ao sofrido os demoveu de suas obrigações eclesásticas e discursos religiosos perfeitamente formatados e convincentes. Cegos se tornaram em seu entendimento. Tão *convencidos* estavam que sua *con-versão*¹¹ já se esvaíra, já se escorrera o sentimento de humanidade por seus dedos conforme aponta o conceito de *liquidez* de Zigmunt Bauman¹².

Aproximação genuína. O bom samaritano e sua releitura no bom travesti travestem-se como *tipos* do próprio Jesus, o Cristo: em sua vida cotidiana, ele foi criticado por viver onde vivia – era um pobretão – “pode vir alguma coisa boa de Nazaré?”, foi a pergunta de Natanael dirigida não ao nazareno, mas a Filipe, tido como digno de responder. No entanto, não há resposta afirmativa, apenas um convite de ver para crer: “vem e vê”. E antes que Natanael visse, o Jesus joanino (João 1,45-51) e cheio de amor o viu. Se o leitor permite uma inferência, talvez ali Jesus tenha chorado no quarto evangelho pela primeira vez, e não na morte de Lázaro (João 11,35).

Aproximação vital. Jesus se aproximou de mim e de você. A carta de Paulo aos crentes de Filipos acrescenta ao texto epistolar¹³ um hino cristão provavelmente muito conhecido nas primeiras comunidades e encoraja os destinatários a terem o mesmo sentimento que houve em Jesus – acrescentamos: no samaritano e no travesti parabólicos. O sentimento de ser gente. De ter sentimento. O hino, conhecido como uma apresentação da *kenosis* (esvaziamento) da divindade, assevera que aquele que era Deus em toda a sua divindade, tornou-se homem humano. Porque quis, simplesmente:

De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um

¹⁰ Eurípides (Atenas, século V a.C.) tem como marca principal de suas tragédias e dramas esta característica – a intensificação da ação trágica. Tal fato o destaca entre os tragediógrafos e pode ser um dos motivos para a utilização de heroínas como protagonistas da maioria de suas peças.

¹¹ A palavra grega para conversão é *Metanoia* – o que acarreta uma mudança radical das estruturas de pensamento e dos sentimentos ligados a estas.

¹² O conceito de liquidez de Bauman é explicitado em *Vida Líquida* (2007), mas perpassa várias obras do sociólogo polonês.

¹³ Filipenses 2,5-11.

nome que é sobre todo o nome; Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o SENHOR, para glória de Deus Pai.

Jesus entendeu perfeitamente o que era ser homem. Também assim o samaritano e o travesti. Falamos de três homens com H que, em toda a sua coragem e força viril, permitiram-se à doçura de tocar o intocado, abraçar o não-abraçado, amar o odiado. Em primeiro lugar, isso transformou-lhes a vida numa *revolução do amor* sem precedentes; em segundo, *condicionou-lhes à incondicionalidade* de amar para sempre; em último lugar e não por isso menos importante, *interessou-lhes a amar* cada vez mais o desinteressante, *dando, recebendo e retribuindo* o que podiam – satisfazendo-se em pleno gozo de saber cada um a dor e a delícia de serem quem eram.

Espiritualidade laica e Evangelho de Jesus – é possível esta conexão?

Encerramos o parágrafo anterior, no mínimo, de forma provocativa, a fim de evocar e trazer à discussão, a partir da leitura e releitura da parábola do bom samaritano, conceitos precisos e preciosos desenvolvidos por três autores que virão à tona. O primeiro deles é Luc Ferry, filósofo francês humanista que, em seu livro *A Revolução do Amor: por uma espiritualidade laica* (2012), propõe que vale a pena defender aqueles que amamos e que amá-los é o melhor bem que podemos fazer tanto a nós mesmos quanto aos nossos amados. E inicia da seguinte forma a tese que perpassa todo o livro: “é o amor que dá sentido à nossa existência”(!). Estaria Ferry relendo também a parábola lucana e teria entendido a que se propôs o ensinamento de Jesus? Parece-nos que ouvimos aqui o silêncio do samaritano e do travesti. Ainda além, é possível ouvir o silêncio maiêutico de Jesus escrevendo alguma coisa na areia diante dos homens que queriam apedrejar a adúltera desacompanhada do homem que com ela adulterara, antes de dizer “quem não tem pecado que atire a primeira pedra” (João 8,1-11).

É interessante pensar que Ferry constrói e desenvolve o conceito de *espiritualidade laica* a partir de uma ‘religião (um religar-se ao outro) não-religiosa’ – pelo menos pelo que entendemos do que seja religião dentro do que propõe o senso comum – a presença imprescindível da divindade precisa ser notada e constante no religar desta ao homem através dos ritos. A *espiritualidade laica* toca no humano do humano, isto é, eu, homem que sou, vou fazer o bem a outrem (ou não!) não porque

uma divindade está a me vigiar os passos ou a guiar-me automaticamente no caminho do bem. Fã-lo-ei simplesmente porque quero, e fazer o bem a outrem faz a mim primeiro um bem maior – satisfaço-me no amar o próximo. Sou mais eu agindo deste modo e alcanço a *vida boa*! Haverá mesmo tanta diferença assim do Jesus humano que tem interesse em me fazer bem e a si também se satisfaz, mesmo sendo Deus?

Passando em revista os dois primeiros capítulos do livro, Ferry entra na *sabedoria dos modernos e espiritualidade laica*, a fim de desenvolver e explicar o conceito – a *espiritualidade laica* – ao leitor que foi sendo preparado até então para este momento. Após apontar como se poderia conseguir a *vida boa* nas eras cosmológico-ética, teológico-ética e no primeiro humanismo, do qual deriva o segundo humanismo, tempo em que nos encontramos, Ferry aponta que o caminho contemporâneo da *vida boa* passa pela *espiritualidade laica* via revolução do amor-paixão:

“ainda como no primeiro humanismo, trata-se da reconciliação da humanidade consigo mesma. Mas agora se busca uma conciliação muito mais ampla e profunda, porque se apoia na humanidade considerada não apenas sujeito de razão e direito, mas também sujeito de paixões, de amor e de fraternidade, eventualmente de ódio e de conflito” (FERRY, 2012, pp.225-226).

Sujeito de paixões, de amor e de fraternidade. Eventualmente de ódio e de conflito. Não há descrição mais interessante do Cristo divino no Jesus humano. Aquele que viveu tão intensamente cada momento presente, para quem não importava passado ou futuro – porque de antemão conhecia a eternidade – eterna idade presente sempre. A paz de Jesus quanto ao próximo minuto de vida impressionava quem estava perto dele. Sua *vida* era *boa*. A afetação do tempo que tanto perturba o homem e o impede de viver plenamente a *espiritualidade laica* não existia em Jesus. Ele concilia o humano com o divino em si mesmo. E tem como resultado a liberdade de viver a sorte de um amor tranquilo – uma *vida boa*, na melhor das hipóteses do filósofo francês. Assim como Odisseu – modelo primeiro de *espiritualidade laica* no ocidente para Ferry –, que ao chegar a Ítaca e reencontrar Penélope em amores e conversas que alongam a noite e atrasam a Aurora de róseos dedos de se mostrar pela manhã, dom dos deuses de um instante estendido, Jesus vive sempre o presente, habita o aqui e o agora, e experimenta, no plano humano, a eternidade que nunca lhe saíra do ser.

Essa proximidade de um ser divino que se torna ser humano abala as estruturas do panteão grego e se torna inadmissível ao entendimento do primeiro século da era cristã. Algo tão simples de ouvir e tão difícil de compreender: Jesus encontra sua Ítaca, quando entra na jornada do viver encarnado por obediência ao Pai e amor ao homem. Realiza o que lhe fora proposto. Paga a pena e o preço da jornada. Suporta olhares odiosos e falares maliciosos, como acontece com samaritanos e travestis ao longo da história humana. Tanto ódio e malícia levam-no à cruz, por ter tirado os homens das sombras da caverna e tê-los feito enxergar além do mimético. Jesus vive o momento com as pessoas mais importantes de sua vida – o seu próximo. Ele enfrenta a verdade nua de sombras e crua da realidade como se lhe apresenta. E basta. Simples assim.

Não cremos que seja difícil imaginar a simplicidade da espiritualidade de Jesus no encontro com o próximo. Ele é chamado por vezes de comilão e bebedor, amigo de gente que não presta e que trai, rouba, adultera, se prostitui, é imunda. Apesar de cada um ser isso mesmo, é da finitude humana que ele quer se aproximar cada vez mais. Os maiores milagres acontecem nestes momentos. Essa gente se encontra consigo mesma, e escolhe a vida boa, espelhada no amor recebido do diferente. Amor em lugar do ódio que recebiam até então. Estabelecem-se novos parâmetros e novos laços. E a vida segue seu curso, *continuum* de presentes e instantes estendidos de bons (e até maus) encontros que perfazem a vida boa. Na construção conceitual do amor contido na *espiritualidade laica* de Ferry, se atentarmos com cuidado, não veremos muita diferença da vida e obra de Jesus:

Mesmo que o próximo seja o contrário do parente, se ele é o anônimo, aquele que não conhecemos e que, conseqüentemente não podemos amar como amamos os amigos ou os filhos, não deixa de ser verdade que a humanidade pode ser legitimamente percebida como uma espécie de reservatório de encontros amistosos (ou, eventualmente, inamistosos). É nela que encontraremos nossos próximos amores (ou nossos próximos inimigos), e em nenhuma outra parte. Que nossa existência seja limitada no tempo e no espaço não muda o fato de que podemos, a cada dia que Deus nos dá, estabelecer laços com outrem (FERRY, p.227).

A antropologia contida no movimento de Jesus provoca uma verdadeira *Revolução do Amor* em pleno século I d.C. – a máxima de Mateus 7,12 demonstra um pouco (ou muito!) do pensamento revolucionário de Jesus diante da *Torah* judaica e que se alastraria por seus seguidores em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da

terra: “Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas”. Colocar-se no lugar do outro que de mim é diferente sem que a divindade me obrigue a tal coisa definitivamente não faz parte do plano dos ‘espirituais’ dos primeiros séculos da era cristã. Infelizmente também não compete aos ‘religiosos’ que moram no apartamento ao lado ou que sentam no banco do ônibus conosco hoje em dia.

Provavelmente precisemos de uma hermenêutica laica para realmente entender o que Jesus veio fazer quando habitou ao nosso lado e assumiu nossa condição. O Verbo tornou-se o Substantivo: carne. O mistério da encarnação, convicção central e motivadora da fé cristã deveria trazer alegria ao homem e a vontade de estar junto. De ser comunidade. Não obstante, o autor do quarto evangelho com tristeza faz seu comentário acerca da novidade do projeto do Filho de Deus que se fez Filho do Homem: “veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1,12). Os ouvintes de ontem não receberam o samaritano. Os ouvintes de hoje não recebem o travesti.

Dar, retribuir, receber e o escândalo do amor interessado que se entrega

Há dois outros autores que importa trazer ao debate com relação à parábola lucana: Alain Caillé e Marcel Mauss. Na verdade, Caillé interpreta os escritos de Mauss e, por questões não cronológicas, porém pelo encadeamento do pensamento, tratemos primeiro da antropologia e sociologia de Mauss, reflexão madura a partir das sociedades primitivas por ele pesquisadas e que tanto têm a nos ensinar em seus costumes e gestos, pretensamente civilizados e evoluídos que somos.

Marcel Mauss procura tratar, em seu *Ensaio sobre a dádiva*, de uma dinâmica tríplice que envolve a todas e quaisquer relações humanas em quaisquer sociedades, em maior ou menor grau de comprometimento entre as partes ‘contratantes’: os atos de dar, retribuir e receber. Nesta dinâmica, identidade e alteridade se interpelam e se interpenetram em um movimento contínuo de tentar formar um *nós* a partir de dois *eus* completamente diferentes, no entanto complementares. Amigos se dão presentes e se retribuem em uma obrigação prazerosa quase desobrigada. Inimigos se respeitam e oferecem hospitalidade mutuamente em pequenos instantes de trégua do conflito principal em que se encontram. A retribuição do bem é certa mesmo que o olho seja mau ao outro.

No caminhar para conseguirmos chegar a este *nós*, a procura incessante do 'ama-te a ti mesmo como ao teu próximo' se dá quase naturalmente. Neste mister, Lévi-Strauss, na introdução à obra de Mauss, comenta: "...é o mesmo problema que se põe, o de uma comunicação procurada, ora entre um *eu* subjetivo e um *eu* objetivante, ora entre um *eu* objetivo e um *outro* subjetivado" (MAUSS, 2011, p.28). Ora, é preciso em primeira instância estabelecer a comunicação comigo mesmo, na qual sou sujeito e objeto do meu amor e da minha aceitação por mim – condição *sine qua non* para que eu seja gente – para depois, então, já tendo sido objeto de mim, ter condições de buscar, amar e aceitar o outro, o meu próximo, em sua subjetividade própria.

A parábola do bom samaritano e sua releitura através do bom travesti apontam os que ainda estão à procura de si mesmos – o doutor da lei, o sacerdote e o levita do século I, o padre, o pastor, o líder espírita e os ouvintes insatisfeitos e injuriados de vinte séculos depois. A procura se perpetua ao longo de tanto tempo. E o ensinamento parabólico do Jesus lucano e do Jesus de Rubem Alves na pessoa do samaritano e do travesti apontam que não é preciso ser amado e aceito por um beltrano para amar o fulano e a ele dar de si. Preciso é se amar e se aceitar – ser sujeito e objeto do próprio amor – e retribuir-se no prazer de amar o outro e se fazer bem pelo bem que ao outro faz.

A dinâmica tríplice do dar, retribuir e receber me torna humano em minha humanidade. Desde criança, faz parte de mim dar – ou não, em tempos de egocentrismo infantil –, receber e/ou retribuir. Essa dinamicidade das ações que perpassam infância, adolescência, idade adulta e maturidade contribuem para que a humanidade seja humanidade ao longo dos tempos. Parece ter-se dado o mesmo mecanismo com Jesus, humano que foi. Se assim não fora, o argumento da fé que crê em cem por cento na humanidade de Jesus (bem como em sua divindade) cairia por terra. É no mínimo estranho pensar em Jesus dando para receber a esta altura do campeonato, mas não é impossível de acordo com a exposição maussiana:

Qual é a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força existe na coisa que se dá que faz com que o donatário a retribua? (MAUSS, 2011, p.56).

Jesus se entrega à morte por obediência ao Pai e por amor ao homem. Isto é fato e motor da fé cristã. No entanto, fá-lo para salvar o homem do mal que a este

corrompe desde o Éden. Salvar o homem por quem se interessa e a quem ama profundamente já contém intrinsecamente a retribuição dada ao próprio Jesus. E mais: a irresistibilidade do amor de Jesus atrai-me a amá-lo também, quando aceito seu ato de salvar-me a mim. Como elabora Mauss o seu questionamento, há uma ‘força na coisa dada’ – a entrega na Cruz – força que me faz retribuir atitude em troca: o seguimento a Cristo. Torno-me também um pequeno Cristo e continuo a sua obra – torno-me um cristão.

O *agape*, isto é, o amor *desinteressado* de Jesus por nós, segundo Mauss, torna-se profundamente *interessado* – porque seu interesse em mim e em minha salvação consoma sua realização como salvador que me ama. O amor nos envolve e é *inter-esses*. São dois seres de uma relação – mesmo que ele seja o totalmente Outro – inextricavelmente ligados por laços de um amor liberal e generosamente interessado. Com este alívio na alma, quão melhores podemos ser em nosso *re-ligare*, muito mais próximos do véu rasgado e sem a necessidade crucial do rito. Aproximados estamos. Erguidos. Alcançamos a condição de ajudar o homem caído à beira do caminho porque interessamo-nos por ele. Humanizados estamos.

Esta regra de direito e de interesse maussiana que move as relações humanas é tratada por Alain Caillé dentro dos parâmetros de condicionalidade e incondicionalidade que se interpenetram a todo o tempo, principalmente no pensamento moderno. No que tange às relações Deus e homem e a elementos que possam constituir uma ‘teoria geral do dom’, Caillé chega à ideia de *incondicionalidade condicional*, a partir de duas questões: “pode-se dar alguma coisa sem impor nenhuma condição?” e “pode-se conceber alguma coisa como um dom gratuito?”. Caillé faz-nos um convite ao pensar a partir dos efeitos na sociedade moderna da Reforma Protestante, cujo traço principal reside na afirmação de um princípio de incondicionalidade radical:

Deus é tão grande e tão poderoso, tão infinitamente transcendente, que nada seria capaz de comprar sua graça e ser equivalente a ela, nenhuma obra, nenhum mérito, nenhuma perfeição. Meditemos o paradoxo posto em evidência por Max Weber: uma sociedade de ponta a ponta regida pela lógica condicionalista deve ter uma origem e um fundamento simbólico radicalmente incondicionalistas (CAILLÉ, 2002, p.111).

Apesar de trazer o paradoxo weberiano que faz todo sentido para afirmar a alteridade e transcendência de Deus, contrapostas à identidade e imanência do

homem, Caillé desemboca no princípio da *incondicionalidade condicional* com as palavras de Mauss, bem mais palatável às relações humanas e da divindade com o homem:

Em todas as sociedades que nos precederam imediatamente e ainda nos circundam, e mesmo em numerosos usos de nossa mentalidade popular, não há meio termo: ou confiar inteiramente ou desconfiar inteiramente; depor as armas e renunciar à sua magia ou entregar tudo: desde a fugaz hospitalidade até as filhas e os bens (CAILLÉ, 2002, p.117 *apud* MAUSS, 1966, p.277).

Partindo do princípio maussiano, Caillé vai construindo seu argumento utilizando textos bíblicos ao tratar da confiança que se deve ter no outro, envolvido na relação do dom a ser partilhado: “ou você confia ou não confia, aí de quem for morno, diz Cristo no Apocalipse (3,16)”. Porque ser frio (não confiar) ou quente (confiar) são posições legítimas e respeitadas. O problema está em ‘ficar em cima do muro’, nem dentro da cidade, nem fora dela. Em uma relação com o outro ou com a divindade, a posição deve ser tomada, independente de qual seja, para que seja respeitada pelo que comigo estabeleceu (ou não) o ‘contrato’.

O modelo bíblico do livro lucano de Atos dos Apóstolos (20,35) afirma que “mais bem-aventurada coisa é dar do que receber”, ao que a oração de Francisco de Assis completa e corrobora “pois é dando que se recebe”. Note-se que o modelo bíblico, como temos visto, não se isenta nem se exime das relações que alimentam a dinâmica maussiana, pelo contrário, legitima-a. Se é assim, a partir do modelo de Jesus, que deu-se a si mesmo, permitir-me-ei a fazê-lo também para que eu seja bem-aventurado. Agindo deste modo, e seguindo o exemplo de Cristo, satisfaço-me a mim mesmo em primeiro lugar porque me amo e me alimento do bem que faço a mim, ao interessar-me pelo outro, amá-lo e, por isso, auxiliá-lo naquilo que de mim necessita. Voluntário-me à ação em favor da satisfação das necessidades do outro, não obstante eu ganho a alegria de estar envolvido nesta ação.

O reino de Deus vai, assim, sendo ‘semeado’ e edificado com as pequenas sementes de mostarda que um dia se tornarão grandes folhagens, samaritanos e travestis que, a despeito do que deles se pensa, continuam a alegrar-se por poderem ter a satisfação de ajudarem ao próximo e levar-lhes alegria, de se aproximarem de quem queiram conforme o modelo de Jesus e de serem, na linguagem parabólica, apontados como exemplos de gente bem resolvida, humanizada e humanizadora em

um mundo feito de 'imagens e semelhanças' que se julgam deificadas – protótipos medíocres de um deus que, no mínimo, não se encontra nas Escrituras: nem na *Torah*, tampouco nos Evangelhos.

Para não concluir: Onde foi parar “o espírito da coisa” cristã? A assertiva de Gandhi é hoje mais válida do que nunca...

Ao ser questionado pelo missionário cristão Stanley Jones acerca do motivo pelo qual citava sempre as passagens do Evangelho e não seguia a Cristo, Gandhi respondeu: “Eu amo seu Cristo. Mas creio que vocês cristãos são bem diferentes do vosso Cristo”. Assim como Homero foi retratado na antiguidade como o poeta cego, símbolo daquele que enxergou mais do que qualquer outro a alma do homem grego, Gandhi teve os olhos abertos para perceber que algo estava errado no caminho dos cristãos que tentavam evangelizar a Índia. Alguma pedra no caminho tomou uma grande proporção e deixou de existir caminho para haver apenas pedra. Não havia mais proximidade entre o mestre e os discípulos. O afastamento foi aumentando e fazendo com que perdessem de vista o Cristo das Escrituras.

Hoje em dia, perdeu-se também ‘o espírito da coisa’. Marcel Mauss, ao tratar do animismo das sociedades por ele estudadas, aponta-nos que todo e qualquer elemento da natureza ou objeto merecia o respeito necessário porque tinha seu espírito próprio – *o espírito da coisa*. Poderia ser o espírito da coisa dada ou recebida, e o doador doava algo de si na coisa que recebia o receptor. Obviedades à parte, nossa sociedade perdeu o espírito da coisa, porque não respeitamos mais as relações ou não lhes damos o devido valor que merecem.

Mais do que isso, perdeu-se *o espírito da coisa cristã* que se tentou expor até então: o interesse no outro que me completa, que me mostra quem sou e no que preciso me tornar para ser cada dia melhor. A fim de garantir as comunidades (de fé) cheias com palavras vazias, perdeu-se o seguimento de Jesus e do Caminho, da Verdade e da Vida, não se notou o momento exato em que o Verbo se tornou Substantivo e se aproximou. Chegou bem perto, no entanto ninguém viu. Passou parabolicamente presente no pobre, no indigente, no doente, na prostituta, no leproso, no travesti, no samaritano.

Referências bibliográficas:

- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1980.
- CAILLÉ, Alan. *Antropologia do Dom: o terceiro paradigma*. Trad.: Efraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FERRY, Luc. *A Revolução do Amor: por uma espiritualidade laica*. Trad.: Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol.1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- JAUSS, Hans Robert *et alli*. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Trad.: António Felipe Marques. Introdução de Claude Lévi-Strauss. Lisboa: Edições 70, 2011.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa I*. Trad.: Constança César. São Paulo: Papyrus, 1994.
- SANDEL, Michael J. *Liberalism and the Limits of Justice*. New York: Cambridge University Press, 1982.
- TAYLOR, Charles. *Argumentos filosóficos*. Trad.: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2000.